

## **CASO CLÍNICO: MENINGITE ESTREPTOCÓCICA EM SUÍNOS NA FASE CRESCIMENTO/TERMINAÇÃO EM UMA GRANJA LOCALIZADA NO OESTE DO ESTADO DO PARANÁ**

KLEIN, Eliane Maria<sup>1</sup>.  
PIASSA, Meiriele Monique Covatti<sup>2</sup>.

### **RESUMO**

Para avaliação dos aspectos patológicos de casos clínicos de Meningite Estreptocócica em suínos em fase de crescimento/terminação foi analisado um lote com quatrocentos e cinquenta animais. Onde 0,4% dos suínos apresentaram sinais clínicos evidentes para a doença. Entre os principais fatores de risco da enfermidade, encontramos fatores ambientais associados, como superlotação, má ventilação, mudança da dieta, mudança brusca de temperatura, mistura de lotes, movimentações, vacinações e doenças concomitantes. Os animais apresentaram sinais clínicos como apatia, dificuldades de locomoção, tontura, deitam-se de lado com a cabeça virada para trás e fazem movimentos de pedal, olhos inchados e vermelhos, fraqueza, peso inferior aos demais, pelos arrepiados e sem brilho. Dentre os dois animais infectados, infelizmente um veio a óbito e o outro obteve melhora significativa após a aplicação de medicamentos, entretanto, o desempenho alimentar e o crescimento do suíno permaneceu inferior aos demais animais, acarretando assim, em perdas econômicas ao produtor.

**PALAVRAS-CHAVE:** meningite estreptocócica, suínos, óbito, crescimento, doença.

### **1. INTRODUÇÃO**

Segundo Morés (1998), a suinocultura nas últimas décadas tem evoluído intensamente, partindo-se de um sistema de criação extensivo, de baixa produtividade, para sistemas intensivos, com suínos geneticamente superiores e mais exigentes quanto ao manejo, alimentação e meio ambiente.

Embora a evolução obtida pela suinocultura Brasileira nos permita participar de grandes mercados nacionais e internacionais, essa atividade necessita de constante aperfeiçoamento, pois, nessa área, muitas são as patologias que geram prejuízos econômicos e sanitários. Conforme Sobestianski *et al.* (1993), entre as mais variadas patologias, a Meningite estreptocócica (ME) apresenta-se com frequência em lotes de suínos na fase crescimento/terminação.

Para Reis (2003), a doença pode ser causada por dois tipos de *Streptococcus* denominados *Streptococcus suis* tipo I e *Streptococcus suis* tipo II. No Brasil, a Meningite estreptocócica causada pelo *Streptococcus suis* tipo II foi descrita inicialmente no estado de Minas Gerais.

<sup>1</sup> Eliane Maria Klein acadêmica do 3º Período do Curso de Medicina Veterinária – Noturno/FAG. E-mail: [elianeklein2009@hotmail.com](mailto:elianeklein2009@hotmail.com).

<sup>2</sup> Meiriele Monique Covatti Piassa Médica Veterinária e docente do Curso de Medicina Veterinária/FAG. E-mail: [meiriele@fag.edu.br](mailto:meiriele@fag.edu.br)

Gimenes (1997), diz que o caráter zoonótico da enfermidade é um fator de extrema importância, pois, casos de infecção humana por *S.suis* tipo II, tem sido relatado em vários países, sendo considerada doença ocupacional em alguns deles.

Considerando a frequência e gravidade da doença, o presente trabalho foi realizado em uma granja de quatrocentos e cinquenta suínos de fase crescimento/terminação, localizada no oeste do estado do Paraná. Segundo o proprietário da granja, essa é a enfermidade que está recorrente em todos os lotes, principalmente, após alguns dias da chegada dos suínos na granja. Diante disto, foi realizado um estudo para avaliar a ocorrência de Meningite Estreptocócica Suína após a entrada dos animais a granja até cinquenta dias, analisando também a presença de fatores predisponentes para o surgimento da enfermidade, bem como, os mecanismos e tratamento da enfermidade.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Fraser (1997), o *Streptococcus suis* é um microrganismo aeróbico, gram positivo, que forma pequenas colônias em ágar sangue.

Conforme Sobestianski *et al.* (1993), a forma endêmica da Meningite Estreptocócica pode ser causada por dois tipos antigenicamente distintos de *Streptococcus sp.* denominadas: *Streptococcus suis* tipo I e *Streptococcus suis* tipo II. O *Streptococcus suis* tipo I é o agente etiológico da infecção de suínos na fase de aleitamento, enquanto que o *Streptococcus suis* tipo II é o causador de meningite principalmente após o desmame. No Brasil tem sido identificado com maior frequência casos de Meningite Estreptocócica após o desmame causado pelo tipo II.

Segundo Fraser (1997), o microrganismo sobrevive por longos períodos em fezes e carcaças, mas por outro lado, é eliminado facilmente por detergentes e desinfetantes comuns.

Para Pelczar (1996), uma solução aquosa de Fenol a 5% mata rapidamente as formas vegetativas dos microrganismos. O iodo e seus compostos são microbicidas contra todas as espécies desta bactéria.

De acordo com Sobestiansky *et al.* (1993), a via de infecção mais comum é a respiratória, nesta via o *Streptococcus suis* atinge as tonsilas que servem de porta de entrada para a bactéria no organismo. A partir daí, o agente atinge as linfonodos mandibulares podendo permanecer sem evidências clínicas ou produzir uma septicemia atingindo articulações, meninges e outros tecidos.

Se as articulações e o cérebro não forem atingidos, os animais permanecem normais mesmo com grande quantidade de *Estreptococos suis* circulando no sangue, nesse caso, após 2-3 semanas a bactéria reduz gradativamente em número. Na infecção por *Streptococcus suis* tipo I a morte pode ocorrer por septicemia ou meningite após a multiplicação do agente na corrente sanguínea.

## 2.1 HISTÓRIA CLÍNICA

Em uma granja com 450 suínos na fase crescimento/terminação, localizada no oeste do estado do Paraná, foi verificada a presença de Meningite Esteptocócica frequente no período dos cinquenta dias iniciais na granja. As instalações físicas se apresentam satisfatórias, entretanto há falta de barreiras físicas, como cercado e arcos de desinfecção, que comprometem a biosseguridade na granja.

Foram observados os animais logo após a chegada à granja até o carregamento. Neste período, dois animais apresentaram sinais clínicos como: desinteresse pela ração, dificuldade de locomoção, tontura, deitam-se de lado com a cabeça virada para trás e fazem movimentos de pedalar, olhos inchados e vermelhos.

O animal número 01 encontrava-se há quatorze dias na granja e apresentava-se com aproximadamente 26 kg. Os sinais clínicos começaram se tornar evidentes como dificuldade de locomoção e apatia. Logo que diagnosticada a enfermidade retirou-se o animal da baia para tratamento individualizado com 2,6 ml de Benzilpenicilina G Procaína e 0,5 ml de Diclofenaco, ambos via intramuscular uma vez ao dia por três dias seguidos.

Logo após o término do tratamento o animal progressivamente apresentou melhoras do seu quadro clínico. Portanto, sua conversão alimentar ficou inferior, bem como o seu peso que apresentou baixo índice no momento do abate.

Já o animal número 02 encontrava-se há trinta dias na granja, com aproximadamente 50 kg. Sendo isolado para tratamento com 05 ml de Antibiótico à base de Amoxicilina e Gentamicina e 01 ml de Diclofenaco, ambos via intramuscular uma vez ao dia por três dias seguidos. Entretanto há

vários dias com apatia, fraqueza e dificuldade de locomoção o animal não resistiu e veio a óbito no segundo dia após o início do tratamento.

## 2.2 VACINAÇÃO

Madureira & Soncini (1999), dizem que muitos são os debates sobre a vacinação contra *Streptococcus suis*, por não haver consenso de que a vacinação produza proteção imunitária adequada e a mesma eficiência com os diversos sorotipos.

Para Fraser (1997), a vacinação pode controlar a doença, mas não resolve completamente o problema. Há evidências de que as vacinas autógenas possuem eficácia, porém, não há comprovação que esta imunidade seja continua e permanente. Em alguns casos, foi comprovado que a vacina induz a uma imunidade temporária. O sucesso da vacina depende do conhecimento da patogenicidade exata do agente. A vacinação autógena vem para ajudar o suinocultor a imunizar seu rebanho devido à diversidade genética dos agentes. Mas para que isso ocorra temos que ter uma pessoa capacitada para diagnosticar o animal na fase aguda da enfermidade, que realize a coleta de amostras de forma correta, afim de um diagnóstico preciso, para obter a composição da vacina ideal para proteção dos animais.

## 2.3 CONTROLE

Madureira & Soncini (1999), citam que a Meningite Estreptocócica constitui uma das poucas doenças dos suínos que não pode ser erradicada, mesmo com práticas rigorosas como desmame precoce medicado, criação em três sítios ou coleta vaginal, em face de grande importância dos portadores do *Streptococcus suis* ou pelo papel do homem como portador do agente.

## 3. METODOLOGIA

Foi analisado um determinado lote de animais em crescimento após a chegada dos suínos à granja até o carregamento dos mesmos. Neste período iniciou-se um processo de presença de apatia

e cambaleância em 0,4% dos animais, sendo que, dois animais apresentaram sinais clínicos de Meningite Estreptocócica que foram: apatia, dificuldade de locomoção, tontura, deitam-se de lado com a cabeça virada para trás e fazem movimentos de pedalar, olhos inchados e vermelhos, fraqueza, peso inferior aos demais, pêlos arrepiados e sem brilho.

#### **4. ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Os casos de Meningite Estreptocócica podem ser desencadeados devido a vários fatores como: superlotação, má ventilação, mudança da dieta, mudança brusca de temperatura, mistura de lotes, movimentações, vacinações e doenças concomitantes são fatores estressantes que podem participar deste processo.

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em criações com suíños confinados intensivamente, onde necessitam dividir o mesmo espaço com os demais é difícil manter um lote livre da Meningite Estreptocócica. Diante da dificuldade do controle da doença verificamos a presença da mesma, praticamente os todos os lotes. Para amenizar a transmissão é importante que o produtor tenha um ambiente ventilado para evitar a proliferação da bactéria, e caso a doença se apresentar, medicar o suíno logo no surgimento dos primeiros sintomas, evitando a agressividade da doença e até mesmo a morte do animal.

#### **REFERÊNCIAS**

FRASER, C. M. Manual Merk de Veterinária. Meningite Estreptocócica. 7º ed. São Paulo: Rocca, [CD ROOM]. 1997.

GIMENES, S. M. Congresso Brasileiro de Veterinários Especialistas em Suíños. Pesquisa de suíños portadores de Streptococcus suis. Foz do Iguaçu: Anais da ABRAVES, 1997.

MADUREIRA & SONCINI. Simpósio sobre Meningite estreptocócica suína e Pleuropneumonia suína. Encontro técnico da ABRAVES nacional. ANAIS. Lages UDESC-CAV. 1999.

MORÉS, N. Influência da granulometria de ingredientes de dietas no desenvolvimento de lesões gástricas em suínos. In: SIMPÓSIO SOBRE GRANULOMETRIA DE INGREDIENTES E RAÇÕES PARA SUÍNOS E AVES, 1998, Concórdia. Anais. Concórdia: EMBRAPA suínos e aves, 1998. P.13-25. (EMBRAPA suínos e aves. Documentos, 52).

PELCZAR, L. M. Microbiologia Conceitos e Aplicações. 2. Ed. São Paulo: Makran Books, 1996. p 213-219.

REIS, J.C. Estatística aplicada à pesquisa em ciência veterinária. 1. Ed. Olinda: Copyright por José de Carvalho Reis, 2003. 651p.

SOBESTIANSKY, J. ; BARCELLOS, D.; MORES, N., et al., Clínica e Patologia Suína, 2. Ed., p. 374–378, 1993.